

ESTUDO LEXICAL DO VOCABULÁRIO DO JOGO DE ARCO E FLECHA E DA CORRIDA DE TORA PARKATÊJÊ

ESTUDIO LEXICAL DEL VOCABULARIO DEL JUEGO DE ARCO Y FLECHA Y DE LA
CARRERA DE TORA PARKATÊJÊ

LEXICAL STUDY OF THE BOW AND ARROW GAME VOCABULARY AND THE PARKATÊJÊ
LOG RACE

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira*

Luciana Renata dos Santos Vieira**

Eliane Oliveira da Costa***

Universidade Federal do Pará

RESUMO: O trabalho tem como objetivo fornecer subsídios para a documentação e análise da língua Parkatêjê através do estudo do léxico de duas atividades tradicionais do povo Parkatêjê: corrida de tora e o jogo de arco e flecha. Para isso, partimos de dois campos léxicos, corrida de tora e jogo de arco e flecha, os quais foram subdivididos em cinco subcampos semânticos: espaço físico; etapas e processos; elementos humanos; partes, componentes, especificações e medidas e instrumentos. A coleta de dados foi realizada *in loco* com a aplicação de questionários linguísticos com indígenas de três faixas etárias. A pesquisa baseia-se em postulações teórico-metodológicas da Etnolinguística por Coseriu (1990), Velarde (1991) e Rodrigues (2005); da Lexicologia e Lexicografia com base em Biderman (2001) e Dubois et al. (1973); e do Campo Léxico em Coseriu (1977) e Abbade (2011). Ao término do estudo, chegamos à estrutura e à organização do vocabulário a que nos propomos investigar, bem como às particularidades linguísticas do léxico.

PALAVRAS-CHAVE: Parkatêjê. Lexicologia. Jogo de flecha. Corrida de tora.

RESUMEN: El trabajo tiene como objetivo proporcionar subsidios para la documentación y análisis de la lengua Parkatêjê a través del estudio del léxico de dos actividades tradicionales del pueblo Parkatêjê: carrera de tora y el juego de arco y flecha. Para ello, partimos de dos campos léxicos, carrera de tora y juego de arco y flecha, los cuales fueron subdivididos en cinco subcampos

* Professora do Instituto de Letras e Comunicação (ILC), vinculada à Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora e Mestre em Linguística, respectivamente nos anos de 2003 e 1995. Desenvolve pesquisas sobre a língua Parkatêjê desde 2000. Atua no Programa de Pós-graduação em Letras. É bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: mariliaferreira1@gmail.com.

** Graduada em Letras- habilitação em Língua Portuguesa (UFPA) no ano de 2014. Mestranda em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPA). E-mail: lucianarenata12@gmail.com.

*** Mestre em Linguística em 2012 (PPGL/UFPA). Doutoranda em Estudos Linguísticos (PPGL/UFPA). Desenvolve pesquisa nas áreas de Sociolinguística e Socioterminologia. E-mail: elianecosta21@yahoo.com.br.

semânticos: espaço físico; etapas y procesos; elementos humanos; partes, componentes, especificaciones y medidas e instrumentos. La recolección de datos fue realizada in loco con la aplicación de cuestionarios lingüísticos con indígenas de tres grupos de edad. La investigación se basa en postulaciones teórico-metodológicas de la Etnolingüística por Coseriu (1990), Velarde (1991) y Rodrigues (2005); de la Lexicología y de la Lexicografía basada en Biderman (2001) y Dubois et al. (1973); y del Campo Léxico con Coseriu (1977) y Abbade (2011). Al término del estudio llegamos a la estructura y a la organización del vocabulario que nos proponemos investigar, así como a las particularidades lingüísticas del léxico.

PALABRAS CLAVE: Parkatêjê. Lexicología. Juego de flecha. Carrera de tora.

ABSTRACT: The work aims to provide subsidies for the documentation and analysis of the Parkatêjê language through the study of the lexicon of two traditional activities of the Parkatêjê people: the log race and the arrow game. For this, we set two lexical fields, log race and bow and arrow game, which were divided into five semantic fields: physical space; steps and processes; human elements; parts, components, specifications, measurements and instruments. Data collection was carried out *in situ* by applying linguistic questionnaires to informants of three age groups as the stratification made by Ferreira (2005). The development of this research was based on the theoretical postulations from the ethnolinguistics of Coseriu (1990), Velarde (1991) and Rodrigues (2005), the Lexicology and lexicography (Biderman (2001) and Dubois et al. (1973); and the Lexical field theory from Coseriu (1977), Abbade (2011) and Dubois et al. (1973). At the end of the study we achieve the structure and organization of the vocabulary that we propose to investigate, as well linguist peculiarities of the lexicon.

KEYWORDS: Parkatêjê. Lexicology. Arrow game. Log race.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho tomamos como objeto de investigação o léxico do Parkatêjê, língua indígena que pertence, segundo Rodrigues (1999), ao tronco linguístico Macro-Jê, família Jê, a qual integra o complexo dialetal Timbira, juntamente com as línguas Canela, Krahô, Pykobiê, Apâniekra, Ramkókamekra, Krenye e Krikatí, com o objetivo de documentar e estudar o vocabulário relacionado à corrida de tora e ao jogo de arco e flecha, pertencentes às atividades tradicionais do povo Parkatêjê.

A pesquisa de campo foi realizada *in loco* na comunidade Parkatêjê que está localizada na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), no Km 30 da BR-222, município de Bom Jesus do Tocantins, próximo da cidade de Marabá, no sudeste do estado do Pará, onde os dados foram coletados com o auxílio de questionários lingüísticos, aplicados a falantes indígenas de três gerações, conforme Ferreira (2005).

O estudo, do ponto de vista teórico-metodológico, se pauta na Etnolingüística, notadamente nos estudos desenvolvidos por Coseriu (1990), Velarde (1991) e Rodrigues (2005); na Lexicologia e Lexicografia a partir de Biderman (2001) e Dubois et al. (1973); e na Teoria do Campo Léxico com Coseriu (1977) e Abbade (2011). Com base nos estudos desses últimos autores, as unidades léxicas coletadas foram organizadas em dois campos léxicos, corrida de tora e jogo de arco e flecha, subdivididos em cinco subcampos semânticos: espaço físico; etapas e processos; elementos humanos; partes, componentes, especificações, medidas e instrumentos, os quais dão conta de organizar o léxico em estudo no âmbito das relações conceituais.

Trabalhos dessa natureza, que privilegiam o léxico, têm sido contemplados por meio de projetos de pesquisa, tais como: *Estudo Lexicográfico de Línguas Macro-jê: Parkatêjê e Tapajúna*, *Estudos Lexicográficos de Línguas Indígenas na Amazônia Brasileira e Estudos Lexicográficos de Línguas em Perigo de Extinção*. Este estudo faz parte desses projetos compartilhando do mesmo intuito, ou seja, o de contribuir para as pesquisas que se tem feito acerca do léxico e da cultura do povo Parkatêjê e, desse modo, conseqüentemente, para o desenvolvimento da Lexicografia das línguas indígenas brasileiras.

O artigo, então, organiza-se da seguinte maneira: exposição dos conceitos de léxico e cultura (primeira seção), base teórico-metodológica que norteou o desenvolvimento da pesquisa (segunda seção), alguns fundamentos da etnolingüística (terceira seção) descrição do modo como ocorre a corrida de tora e o jogo de arco e flecha Parkatêjê (quarta seção), descrição da metodologia seguida neste trabalho (quinta seção) e, por fim, apresentação e estudo do vocabulário (sexta seção), sucedidos pelas conclusões e referências.

2 OS CONCEITOS DE LÉXICO E CULTURA

O léxico, como termo linguístico, de forma geral, é o conjunto de unidades que compõem a língua, seja ela de uma comunidade ou de uma atividade humana (DUBOIS et al. 1973). Pode ser considerado também, em um sentido mais restrito, como um conjunto de entradas lexicais de uma língua natural, com alto índice de dinamismo, variação e criatividade, mas que possui suas regras específicas.

Sobre o processo que iniciou a origem do léxico das línguas naturais, Biderman (2001, p.13) destaca uma consideração importante:

Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Faraco (2005) considera este retrato da língua como um dos pontos em que mais se pode perceber a relação íntima entre a língua e a cultura de seus falantes. Essa relação é inquestionável e estudada por muitos linguistas, dentre eles, Mattoso Câmara (1965), o qual afirma que a língua é elemento de cultura e funciona dentro dela como meio de representação e comunicação. Essa representação ocorre por meio dos itens lexicais que revelam a realidade linguística, cultural e social de determinada comunidade falante.

Nesse sentido, a cultura “[...] compreende todas as formas de representar o mundo exterior, as relações entre os seres humanos, os outros povos e os outros indivíduos [...]” (DUBOIS et al., 1973, p.163). Sobre a relação entre léxico e cultura, Hickerson (1980) ressalta o caso do estudo lexical de termos específicos referentes à neve, ao gelo e às focas na língua Eskimó e o quanto esses termos revelam uma das partes essenciais da cultura dos Eskimós¹. Ainda sobre a relação de léxico e cultura, Biderman (2001) afirma que o léxico de qualquer língua natural é considerado como o patrimônio vocabular de uma determinada comunidade linguística no decorrer da história, bem como a cultura de um povo, manifestada por meio da língua(gem), é considerada como tesouro imaterial nacional.

3 CAMPO LÉXICO, LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA

A ideia de campo léxico está inserida nos estudos linguísticos desde o século XIX, quando Humboldt considerou o princípio de articulação fundamental para toda língua natural. Nesta perspectiva, todo léxico é composto de um conjunto de lexias, as quais necessitam ser organizadas no interior de um campo lexical, pois apresentam relações semânticas distintas.

Para Dubois et al. (1973), a terminologia mais usual sobre a noção de campo léxico trata da área de significação que uma palavra ou grupo de palavras é capaz de cobrir. Ele também desdobra a definição de campo lexical, da seguinte forma:

- a) Campo léxico de um termo do vocabulário: reservado às acepções do termo em si.
- b) Campo léxico de um grupo de termos: estabelece relações entre termos do vocabulário.

Mais um estudioso que trata da teoria da teoria é Eugênio Coseriu para quem o campo léxico é definido, de acordo com o ponto de vista estrutural, como um paradigma lexical que tem sua origem na distribuição em diferentes unidades — expressadas na língua como palavras — de um léxico contínuo (COSERIU apud GECKELER, 1976). Palavras essas que, segundo a teoria coseriana, estão em oposição por meio de traços distintivos². Além desse conceito, os conceitos de arquilexema, lexema e sema são os mais importantes da teoria do campo léxico proposta por Coseriu (1976). Para o autor, o arquilexema pode ser definido como unidade léxica ou não, que corresponde ao campo léxico de forma integral.

¹ São povos indígenas que habitam tradicionalmente as regiões em torno do círculo polar ártico.

² Trata-se dos traços semânticos distintivos, por exemplo, o traço distintivo para o campo lexical *habitação* poderia ser, em determinado contexto: *reside-se nesse lugar, o qual possui endereço fixo*.

Já o lexema é toda palavra considerada simples; e os semas, do ponto de vista da análise do conteúdo, são considerados como os traços semânticos distintivos. Em síntese, o estudo estrutural do léxico abordado por Coseriu por meio dos conceitos do campo lexical permite a realização de um levantamento específico de um vocabulário.

Sobre como as palavras são organizadas no interior da estrutura de um campo léxico, Abbade (2011, p.1332) afirma:

As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. Elas só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação.

Dessa maneira, nenhuma lexia fora desse campo de significação terá autonomia conceitual. Fato que torna as palavras de um determinado léxico dependentes desse campo, mas que permite uma organização estratégica fundamental em trabalhos de cunho lexicográfico. Assim, a teoria do campo léxico pode ser vista como uma proposta teórica que trata do significado lexical.

Pelo tratamento que a teoria do campo léxico oferece à organização do léxico, ela pode se tornar um grande instrumento para o trabalho com obras lexicográficas, cujo estudo do objeto lexicográfico e prática de elaboração se dão, respectivamente, por meio de duas ciências fundamentais para o estudo do léxico, a Lexicologia e a Lexicografia.

A Lexicologia de uma forma mais ampla é considerada como “[...] o estudo científico do léxico, mais especificamente, das palavras de uma língua [...]” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 43). Para Biderman (2001), os objetos fundamentais de estudo e análise da lexicologia são: a palavra, a categoria lexical e a estruturação do léxico. A palavra tomada a partir da necessidade de definir e identificar a unidade lexical constitui etapa fundamental do processo lexicológico. A categoria lexical entendida com base na questão das classes de palavras e, por fim, a estruturação do léxico que se configura como matéria complexa no âmbito da lexicologia. Desse modo, cada objeto de estudo da lexicologia destacado por Biderman (2001) apresenta etapas distintas.

Quanto à Lexicografia, é considerada a “[...] técnica de confecção dos dicionários e a análise linguística dessa técnica [...]” (DUBOIS et al., 1973, p. 367). Prática muito antiga que, antes mesmo da invenção da imprensa, já apresentava um considerável número de registros com a elaboração de glossários, nomenclaturas, bem como a dos primeiros dicionários.

Ambas as disciplinas se fortalecem e se fundamentam cada vez mais, uma vez que são muito os pesquisadores que se debruçam sobre o fazer lexicográfico, pondo em discussão questões significativas relacionadas a macro e microestrutura de uma obra lexicográfica, bem como dos avanços tecnológicos que permeiam sua elaboração. Além disso, um produto científico dessa natureza “[...] representa a memória coletiva da sociedade e é uma das suas mais importantes instituições simbólicas” (BIDERMAN, 1998, p.164).

4 A ETNOLINGUÍSTICA

Com a necessidade de abordar aspectos linguísticos a partir de um corpus lexical especializado inserido na cultura de uma sociedade, a disciplina da Etnolinguística começou a surgir no Brasil em meados do século XX de acordo com Rodrigues (2005).

Desde então, muitos linguistas têm se dedicado ao estudo interdisciplinar da Etnolinguística, a qual é composta pelos domínios da linguística e da antropologia. Proveniente da sociolinguística, a Etnolinguística apresenta um estudo da língua enquanto expressão cultural de um povo em seu contexto real de produção. Seu campo de investigação também permite estudos de aspectos paralinguísticos e extralinguísticos, dessa forma, pode-se dizer que ela não analisa os fatos da língua de maneira isolada, mas considera todo o contexto ou visão de mundo presente neles.

Coseriu (1990) aponta a necessidade de delimitação do objeto de estudo da Etnolinguística, a qual, na maioria das vezes, é definida de forma muito ampla, fato que prejudica a delimitação das tarefas e, conseqüentemente, dos métodos que são aplicados no desenvolvimento dessa disciplina, uma vez que uma etnografia geral da comunicação, além de apresentar conceitos muito

espaçosos, afastar-se-ia do interesse linguístico proposto em seu estudo. Dessa forma, Coseriu (1990, p.29) define a etnolinguística, de um ponto de vista linguístico, como “[...] disciplina linguística, não etnológica [...]” que propõe o estudo da variedade da linguagem em relação com a sociedade e a cultura.

Com o objetivo de uma delimitação concreta das tarefas da Etnolinguística, Coseriu (1990) destaca ainda a necessidade de distinção dos três planos da estrutura geral da linguagem: i) plano universal do falar em geral (independe de determinações históricas); ii) o plano histórico das línguas; e iii) o plano individual do discurso. Assim, acredita em uma etnolinguística do falar em geral, uma etnolinguística das línguas, assim como em uma etnolinguística do discurso:

- i. Plano universal do falar em geral - esse plano compreende uma etnolinguística que deve estudar a relação entre a linguagem e os distintos tipos de cultura.
- ii. Plano histórico das línguas - a disciplina, nesse plano, estuda a civilização e a cultura refletida nas línguas naturais, de modo a organizar a cultura material manifestada por meio do léxico. Nesse mesmo plano, mas no sentido diacrônico, é objeto de estudo da etnolinguística a mudança linguística relacionada com as mudanças na cultura de determinada civilização.
- iii. Plano individual do discurso - compreende o estudo dos tipos e da estrutura particular dos discursos tradicionais de uma cultura.

Assim como realiza as delimitações dos planos para a etnolinguística, Coseriu (1990, p.29) também aborda em relação aos mesmos planos sob a perspectiva da sociolinguística a fim de distinguir essas duas disciplinas e suas principais tarefas. Sobre essa distinção, o autor afirma que:

Do ponto de vista linguístico é oportuno limitar a sociolinguística (como disciplina linguística, não sociológica) ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades e etnolinguística (como disciplina linguística, não etnológica) ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura.

Desta feita, percebemos que, a partir das considerações de Coseriu sobre a Sociolinguística e a Etnolinguística, ambas apresentam o mesmo objeto de estudo: a variedade e variação da linguagem. Entretanto, o que as distinguem é tão somente o ponto de vista que cada uma irá seguir para chegar ao seu objetivo.

No que se concerne à Etnolinguística, Coseriu também destaca a presença da correlação *linguagem-cultura*, na qual o estudo etnolinguístico ou linguístico etnográfico apresenta como objeto de estudo a linguagem que trata dos fatos da língua a partir dos “saberes” acerca das coisas.

Velarde (1991) também apresenta definições no sentido de esclarecer aspectos da Etnolinguística que seguem na linha dos pressupostos defendidos por Coseriu (1990). Para aquele autor, nesses termos, a disciplina pode ser definida em:

- i. Etnolinguística da fala - trata da definição de linguagem a partir do conhecimento universal do mundo, bem como de saberes associados a contextos históricos e culturais.
- ii. Etnografia da linguagem (nível universal) - cabe à etnografia da linguagem identificar os conhecimentos universais que se manifestam em qualquer língua histórica.
- iii. Etnolinguística das línguas - trata dos fatos da língua motivados pelos conhecimentos acerca das coisas.
- iv. Etnografia linguística (nível histórico) - interessa-se pela cultura não linguística, procurando estudar a visão de mundo relacionada à comunidade investigada.
- v. Etnolinguística do discurso - estuda os discursos e estruturas típicas manifestadas pela cultura de uma comunidade. Também procura investigar a correlação entre determinados tipos de cultura e determinados tipos de cultura.

A diferença da proposta de Velarde está centrada em sua definição bem delimitada entre os conceitos de etnografia e etnolinguística em planos diferentes, porém com seus respectivos objetivos interligados.

Mais especificamente no plano dos estudos de línguas indígenas, Rodrigues (2005) afirma que, por apresentarem, os povos indígenas, uma cultura muito diferente da nossa, se torna fundamental que o linguista apresente uma percepção etnológica, a qual explica a razão de sua pesquisa ser denominada também de etnolinguística.

5 A CORRIDA DE TORA E O JOGO DE FLECHA PARKATÊJÊ

Os Parkatêjê, assim como outros povos Timbira (Maranhão, Goiás e Pará) praticam as atividades da corrida de tora e do jogo de flecha e também desejam preservar a prática e o ensino desses jogos. É digno de nota que cada comunidade carrega traços particulares em seus jogos tradicionais, por outro lado, também compartilham características, muitas vezes, universais³. Assim, cada comunidade terá seu modo particular de praticar o jogo, de modo que cada uma irá proceder da melhor maneira que atenda a suas necessidades.

Deve ser porque é inventado que o Jê deixou pra nós brincar, por isso nós estamos acompanhando, não tem escrito, não tem letra, mas a gente apanha no rumo mesmo, a gente lembra como eu, eu canto o que ele (Jê) deixou cantiga pra nós, eu canto. (KRÔHÖKREHÛM, 2013)

O excerto acima transcrito de áudio-comunicação *in loco* com o chefe da comunidade Parkatêjê trata do principal pensamento atual relativo à importância da prática dos jogos ou brincadeiras: a corrida com tora, o jogo de flecha, o jogo da peteca (festa do milho verde), o cabo de guerra, entre outros. Ele também cita as antigas cantadas ao final das corridas e a boa lembrança de tudo o que foi herdado dos seus antepassados.

Esta pesquisa pretende descrever como as atividades da corrida de tora e do jogo de flecha são praticadas, atualmente, pelos Parkatêjê. A descrição das atividades supracitadas foi possível a partir de relatos, gravações em áudio, vídeos e fotografias coletados durante a viagem de campo realizada em outubro de 2013, bem como pela bibliografia referente às atividades em questão, durante o desenvolvimento da pesquisa. A corrida de tora Parkatêjê é uma atividade tradicional de corrida com revezamento muito praticada entre os Parkatêjê, visto que é praticada por homens, mulheres e crianças indígenas, geralmente no período da manhã.

É oportuno ressaltar que somente os grupos denominados Timbira, Xerente e Xavante praticam essa atividade, como afirma Júlio Cezar Melatti (1976, p.38).

Dos índios atuais, praticam a corrida os timbiras (Maranhão, Goiás e Pará), os xerentes (Tocantins) e os xavantes (Mato Grosso). Os caiapós do norte (Pará e Mato Grosso) realizam ritos que incluem o carregamento de toras, mas sem que se corra (Turner, 1996, pp.204-209). Os fulniôs (Pernambuco) teriam tido, no passado, corridas de toras (NIMUENDAJÚ, 1946, p.145).

É necessário apontar que a maioria dos povos indígenas no Brasil, os quais praticam a corrida de tora, pertencem ao tronco linguístico Macro- Jê, exceto os Kaingang, os Karajás, os Bororós, que não correm com tora, por exemplo.

A corrida de tora é uma das atividades culturais que mais exige resistência física e velocidade de seus participantes. Nessa atividade, eles carregam toras, correm com elas e revezam o carregamento ainda em movimento, ou seja, não realizam pausas na atividade para passar a tora ao outro(a) corredor(a).

Um dia antes da corrida ocorre o momento de preparação da tora, a qual é construída da parte mais central do tronco da samaumeira, cuja medida diametral chega a ter quase dois metros. As toras são cortadas a uma distância de três a quatro quilômetros no interior da mata. Nesse local, ela é medida e escavada, ou seja, tira-se o miolo de suas extremidades para facilitar o carregamento pelos corredores. Após essa etapa inicial a tora é pintada de urucum e deixada distante do centro da aldeia, nesse local externo será iniciada a largada no dia seguinte. A seguir, apresentamos um esquema que organiza as principais etapas da corrida:

³ Verifica-se no jogo de flecha Parkatêjê, a utilização de materiais que antes não eram utilizados como o tronco de bananeira (traço particular); bem como a presença de traços culturais que podem ser universais como a organização das atividades entre as categorias masculino, feminino e infantil.

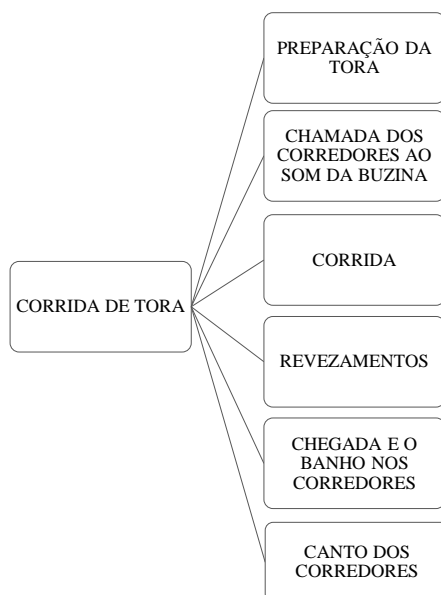


Figura 1: Esquema de etapas de corrida

Fonte: Dados gerados em pesquisa de campo (2013).

No dia da corrida, os corredores saem sempre de manhã cedo, antes das oito horas da manhã para participarem da corrida, são convidados a acordarem cedo para correr pelo som da buzina de um índio mais velho. A corrida ocorre sempre no sentido de fora para dentro da aldeia, sempre em linha reta, o que leva o corredor até o centro da aldeia (Ver figura 2).

As mulheres competem entre si e praticam essa atividade em dias diferentes daqueles em que há corridas masculinas. Elas não correm somente no período menstrual e no pós-parto, pois essas situações são consideradas como vulnerabilidade feminina, contexto em que se deve respeitar a lei do povo que afirma que a mulher está impossibilitada de realizar tal atividade, o que poderia prejudicá-la fisicamente.

A corrida de tora inicia quando os indígenas correm em direção ao pátio da aldeia, local no qual o vencedor deverá lançar a tora, antes disso no decorrer da atividade, os companheiros de grupo estão sempre atentos ao momento de revezamento ombro a ombro da tora, sem a interrupção da corrida e de modo veloz. No pátio, as mulheres esperam os corredores com baldes de água fria para lançarem sobre eles como forma de refrescar-lhes e aliviar-lhes o cansaço físico. Após esse breve descanso, inicia-se o canto dos corredores que ocorre no centro da aldeia, no qual o cantor oficial é o capitão Krôhókrenhum.

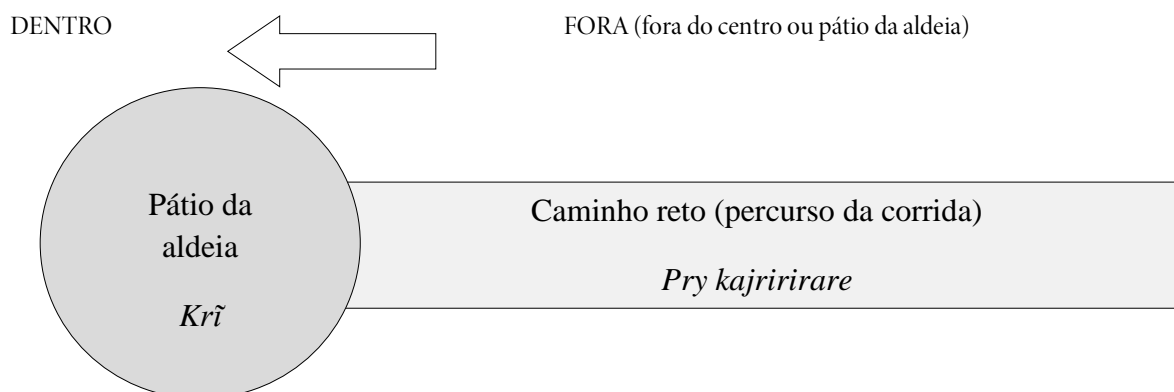


Figura 2: Esquema do sentido e percurso da corrida

Fonte: Dados gerados em pesquisa de campo (2013).

Por sua vez, o *omajpênjôky*,| como é chamado o jogo de flecha Parkatêjê, está inserido no arcabouço cultural da comunidade indígena. É desejo e proposta dela que as crianças não esqueçam seus costumes e valores tradicionais a fim de fortalecer a cultura e a língua e do povo Parkatêjê.

O acampamento do povo Parkatêjê é o espaço reservado para a realização dessa atividade, que assim como a corrida de tora também é praticada por mulheres adultas em um grupo definido, ou seja, mulheres jogam flecha e correm tora somente com outras mulheres. Todavia, diferentemente da corrida de tora, no jogo de flecha os indígenas, sejam homens ou mulheres, se dividem no mesmo espaço.

Antes do início do jogo, os competidores preparam suas flechas com urucum e protegem seus dedos e punhos, enrolando-os em tiras finas de embira, pois quando o fio do arco retrocede, após o disparo, os punhos são atingidos por ele e podem ser machucados com a repetição intensa dos lançamentos das flechas. Outro ponto importante antes do jogo é a caracterização distinta entre os jogadores, visto que os homens pintam somente o corpo e utilizam um adorno na cabeça denominado *kraxê*, por sua vez, as mulheres usam uma pintura facial específica chamada *haratêk*, esta pintura é caracterizada por três linhas verticais grossas de tinta de urucum, entre as quais, duas delas contornam o rosto e a terceira desce da testa ao nariz. Além disso, o arco utilizado no jogo das mulheres é ligeiramente menor do que o arco masculino.

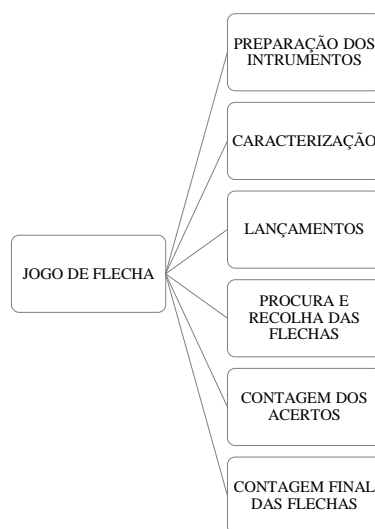


Figura 3: Esquema das etapas do jogo.

Fonte: Dados gerados em pesquisa de campo (2013).

A fabricação desses instrumentos é realizada majoritariamente pelos homens e são utilizados o pau d'arco, o dente de porco e uma corda para produzir o arco. Já as flechas são confeccionadas com a “goiaba braba”, taboca, cera, urucum e penas de aves como galinhas e araras.

No início de uma partida, de um ponto inicial, vários competidores podem jogar ao mesmo tempo, cada um com suas cinco flechas ou mais, as quais são marcadas por tinta ou fios coloridos para não se misturarem às outras dos companheiros de jogo, de modo que cada jogador possui as suas próprias flechas, assim como o arco. As flechas são lançadas, uma a uma, em direção ao um espaço reservado, no qual está localizado um tronco de bananeira que possui a função de alvo, que está a cerca de 30 a 50 metros do ponto inicial; após todas as tentativas de disparo, inicia-se o momento de recolha e procura das flechas lançadas. Após a procura e recolha, inicia-se a contagem e a separação das flechas que atingiram o tronco de bananeira utilizado como alvo. O objetivo é acertar o máximo de flechas possíveis no tronco, pois aquele que acerta o alvo, ganha novas flechas e o que erra perde as suas para o outro jogador. Dessa maneira, o vencedor ou campeão é aquele que após a contagem final das flechas conseguiu acumular o maior número desse instrumento.

6 METODOLOGIA

Neste artigo vislumbramos três itens metodológicos, a saber: a localidade investigada, os falantes/competidores que compõem a amostra da pesquisa e os instrumentos utilizados na coleta de dados.

Quanto à localidade, esclarecemos que atualmente uma parte do povo Parkatêjê, também conhecido como Gavião, vive na aldeia Parkatêjê na Reserva Indígena Mãe Maria, no Km 30 da BR-222; e a outra parte, na aldeia Rôhokatêjê, no km 35 da mesma rodovia e reserva. Contudo, esta pesquisa foi desenvolvida no km 35, município de Bom Jesus do Tocantins, próximo da cidade de Marabá, no sudeste do estado do Pará, onde temos desenvolvido um trabalho de pesquisa com a comunidade ao longo do tempo.

No que diz respeito aos falantes, segundo Ferreira (2005), a população Parkatêjê está dividida em três gerações principais: a primeira geração (50 a 70 anos) utiliza mais a língua materna ao invés da língua portuguesa, principalmente quando está realizando atividades diárias, como o jogo de arco e flecha, por exemplo, na companhia dos mais velhos; a segunda geração (30 a 40 anos) fala as duas línguas em questão, porém tende a falar com mais frequência a Língua Portuguesa devido ao pouco contato com os mais velhos; a terceira geração (0 -29 anos) utiliza muito mais a Língua Portuguesa que o Parkatêjê. Para esta pesquisa, consideramos a três faixas etárias para que pudéssemos ter uma visão mais abrangente do léxico em estudo. Nesse contexto, cabe ressaltar que o número mais recente de indígenas de acordo como os dados emitidos pelo posto de saúde em 2011, por *Krôhokre* (Iracema), apresentam um total de 478 pessoas na aldeia Parkatêjê (JÔPAIPAIRE, 2011).

No que tange aos instrumentos de coleta de dados, aplicamos *in loco* questionários linguísticos com questões específicas para o levantamento do vocabulário em foco. É necessário ressaltar, ainda, que o fato de nenhum trabalho específico abordar o vocabulário das atividades tradicionais do Parkatêjê, de certa forma, restringiu o nosso questionário prévio (questionário elaborado antes de ir a campo e presenciar o contexto situacional de cada atividade). Contudo, mesmo diante desse desafio, elaboramos dois questionários⁴ referentes, respectivamente, à atividade da corrida de tora e ao jogo de arco e flecha. Ainda, nesta perspectiva, destacamos que nos utilizamos de filmagens e fotografias para melhor abranger o vocabulário observado.

7 APRESENTAÇÃO E ESTUDO DO VOCABULÁRIO

Com base na teoria do campo léxico de Eugênio Coseriu (1990), foi elaborado o seguinte quadro organizando as atividades da corrida de toras e do jogo de flecha em subcampos semânticos, de forma a apresentar as lexias referentes a cada um deles, bem como o total de lexias de cada subcampo:

CAMPO LÉXICO ⁵ DAS ATIVIDADES TRADICIONAIS PARKATÊJÊ			
SUBCAMPOS	LEXIAS		TOTAL
	PARKATÊJÊ	PORTUGUÊS	
ESPAÇO FÍSICO	kri pry pry kairirirare	'aldeia' 'caminho' 'caminho reto'	3

⁴ Quanto à aplicação do questionário, as perguntas foram feitas em português, visto que os indígenas que colaboraram com a coleta de dados eram bilingues ou falavam o Português de modo predominante, especialmente no caso dos mais jovens, dessa forma, foi possível o bom entendimento das perguntas.

⁵ A teoria do campo léxico de Coseriu (1990) permite um levantamento específico do vocabulário, levando em consideração as particularidades culturais das atividades do povo indígena.

ETAPAS E PROCESSOS ⁶	<p>pōhy tetet aiho airō apiê hakre hikwy hipro hitep hōkrepoi hyr kre kato ko kru mên ték¹ pà pêp pre prôt ta to jakre jikwy jipro jitep xi</p>	<p>‘festa do milho verde’ ‘pintar com jenipapo’ ‘enrolar’ (a embira) ‘puxar’ ‘ultrapassar’ (o corredor) ‘flechar’ ‘fazer’ (a tora) ‘cortar’ (a tora) ‘cantar’ ‘furar’ ‘furar’ ‘chegar’ ‘molhar’ (a embira) ‘brincar’ ‘derrubar’ ‘jogar’ ‘carregar’ (a tora) ‘ritual de iniciação’ ‘amarrar’ (a embira) ‘correr’ ‘cortar’ (a tora) ‘dançar’ ‘ultrapassar’ ‘flechar’ (o alvo) ‘fazer’ ‘cortar’ ‘preparar’</p>	27
ELEMENTOS HUMANOS ⁷	<p>ajpentoxa Hāk ikwý krowa jitep katê ték² tékpeikatê mêprêkre mprar mprar pé mprar mã mpy ntia Pàn Tep Tère Xêxètère</p>	<p>‘adversário’ ‘Gavião’ ‘companheiro’ ‘cortador da tora’ ‘jogador’ ‘campeão’ ‘os mais velhos’ ‘corredor’ ‘corredor antigo’ ‘corredor atual’ ‘homem’ ‘mulher’ ‘Arara’ ‘Peixe’ ‘Lontra’ ‘Arraia’</p>	16
PARTES, COMPONENTES, ESPECIFICAÇÕES E MEDIDAS	<p>hara haratêk hōrōti hōtiti</p>	<p>‘pena’ ‘tipo de pintura’ ‘embira’ ‘pesada’</p>	17

⁶ A festa do milho verde e o ritual de iniciação são considerados etapas importantes das atividades.

⁷ É necessário acrescentar que os termos que correspondem às metades rituais (*Hāk* ‘Gavião’, *Pàn* ‘Arara’, *Tep* ‘Peixe’, *Tère* ‘Lontra’ e *Xêxètère* ‘Arraia’) foram inseridos nesse subcampo por serem denominações as quais pertencem os indígenas.

	kai kaprêk kô kôkôn kraxê krowa xykatyire ôti jôru parke pôruti pÿthi py tyk tôn	‘cesta’ ‘vermelho’ ‘água’ ‘cabaça’ ‘adorno para cabeça’ ‘pau para fazer flecha’ ‘corda do arco’ ‘casca da árvore’ ‘jenipapo’ ‘ponta da flecha’ ‘urucum’ ‘preto’ ‘cera’	
INSTRUMENTOS E PEÇAS	himpei hōhī krā kupu krôxwa krowa krowapejre kruwa kuwê kuwêti kuwêre kai pÿpÿpxô tékxà watu	‘flecha com osso’ ‘buzina’ ‘flecha amarrada’ ‘dente do porco’ ‘tora’ ‘tora principal’ ‘flecha’ ‘arco’ ‘arco grande’ ‘arco pequeno’ ‘faca’ ‘pé de bananeira’ ‘flecha para brincar’ ‘flecha sem osso’	14
TOTAL			77 lexias

Quadro 1: Campo Léxico das atividades tradicionais Parkatêjê

Fonte: Dados gerados em pesquisa de campo (2013).

A organização dos vocábulos em campos e subcampos semânticos possibilitou uma melhor análise dos principais aspectos morfológicos presentes no vocabulário de atividades tradicionais. Segundo Ferreira (2003), as características principais de ordem morfológica dos nomes na língua Parkatêjê podem ser organizadas a partir dos seguintes pontos:

- i. a categoria de posse dos nomes: nomes possuíveis e nomes não-possuíveis; de modo que, os nomes possuíveis, ainda se dividem em nomes alienavelmente possuídos e inalienavelmente possuídos;
- ii. os sufixos derivacionais -re e -ti (diminutivo e aumentativo, respectivamente);
- iii. os nomes cujo referente é [+ humano] podem ocorrer com o formativo *mê*, que indica plural;
- iv. nomes não são flexionados para gênero;
- v. nomes marcados pela categoria de caso;
- vi. raízes nominais podem ser derivadas a partir de itens de outras classes de palavras;
- vii. raízes verbais podem ser nominalizadas através do acréscimo de formativo *kate*.

A partir dos principais elementos de caráter morfológicos apontados por Ferreira (2005), pudemos encontrar alguns desses aspectos na formação de palavras do vocabulário de atividades tradicionais Parkatêjê nos quadros abaixo.

Os nomes alienavelmente possuídos, segundo Ferreira (2003), geralmente referem-se aos objetos da cultura material e podem ocorrer por meio de uma locução nominal ou dos pronomes dependentes. Em (1) a locução ocorre com o prefixo relacional - junto ao nome de posse genérica *õ*. Em (2), (3) e (4) os nomes inalienavelmente possuídos referem-se a partes de um todo:

i. CATEGORIAS DE POSSE		
NOMES POSSUÍVEIS	Alienavelmente possuídos (objetos da cultura material)	(1) Piare jõ kruwa ‘flecha’ Piare j- õ kruwa NPr Rel- Pos- flecha ‘flecha do Piare’
	Inalienavelmente possuídos (partes de um todo)	(2) ropkrã ‘cabeça da onça’ rop ø- krã onça Rel- cabeça (3) krõxwa ‘dente do porco’ krõ ø- xwa porco Rel- dente (4) aprykrã ‘peteca’ apry ø- krã palha Rel- cabeça
NOMES NÃO- POSSUÍVEIS (nomes de pessoas, nomes de planta)	-	

Quadro 2: Categorias de Posse

Fonte: Dados gerados em pesquisa de campo (2013).

Os compostos em Parkatêjê formam-se por meio de raízes simples e de acordo com Ferreira (2003) podem apresentar um significado diferente dos seus itens constituintes, assim como pode ser verificado nos exemplos (5) e (6):

ii. COMPOSIÇÃO: BASE+ BASE	
JUNÇÃO DE BASES NOMINAIS	(5) aprykrã ‘peteca’ apry ø- krã palha Rel- cabeça (6) himpei ‘tipo de flecha com osso’ hi mpej osso bom

Quadro 3: Formação de Palavras por composição

Fonte: Dados gerados em pesquisa de campo (2013)

iii. DERIVAÇÃO: BASE + AFIXO	
1. OS SUFIXOS DERIVACIONAIS -re e -ti	
SUFFIXOS DERIVACIONAIS -re e -ti (diminutivo e aumentativo, respectivamente)	<p>(7) kuwéti 'arco grande' kuwé -ti arco grande</p> <p>(8) kuwère 'arquinho' kuwé -re arco pequeno</p>

2. OS SUFIXOS DERIVACIONAIS -xý (instrumentalizador) e -katê (agentivo)	
-xý (instrumentalizador)	<p>(9) parpýpxý 'pé de banana' par pýp -xý pé banana Nom</p> <p>(10) téckxý 'flecha para brincar' ték -xý jogar Nom</p>
-katê (agentivo)	<p>(11) tékpeikatê 'campeão' ték (m)pej -katê jogador bom Agt</p> <p>(12) krowajitepkatê 'cortador' krowa j-itep katê tora Rel- cortar Agt</p>

Quadro 4: Formação de palavras por derivação

Fonte: Dados gerados em pesquisa de campo (2013).

Neste enquadre, trataremos da análise do campo semântico dos verbos transitivos do vocabulário, os quais ocorrem com prefixos relacionais como podemos destacar no seguinte quadro.

iv. PREFIXOS RELACIONAIS COM VERBOS	
CLASSE A	CLASSE B
S _o (sujeito de verbo descritivo); S _{io} (sujeito de marcação não-canônica) e O (objeto direto) Especificados	

		S _o , S _{io} e O indefinidos
S _o , S _{io} e O expressos na locução verbal	S _o , S _{io} e O deslocados de sua posição original	
<p>3-</p> <p>y-</p> <p>ʧ-</p> <p>ø-</p>	<p>h-</p> <p>ø-</p>	<p>h-</p> <p>ø-</p>
Referência a um S _o , S _{io} e O expressos dentro da locução verbal em relação sintagmática com o núcleo.	Referência a um S _o , S _{io} e O conhecidos pelo contexto ou deslocados para fora da locução verbal.	Referência a um S _o , S _{io} e O indefinidos.
<p>Neste vocabulário, mais particularmente no subcampo semântico referente a etapas e processos das atividades, os prefixos relacionais ocorrem em verbos transitivos, tais como:</p> <p>(13) h-itep ‘cortar’</p> <p>(14) 3-itep ‘cortar’</p> <p>(15) h-ipro ‘fazer’ (flecha)</p> <p>(16) 3-ipro ‘fazer’ (flecha)</p> <p>(17) h-akre ‘ultrapassar o outro corredor’</p> <p>(18) 3-akre ‘ultrapassar o outro corredor’</p> <p>Há também a ocorrência do prefixo relacional da classe A em palavras compostas:</p> <p>(19) krowajitepkatê ‘cortador de tora’</p> <p>krowa j-itep katê</p> <p>tora Rel- cortar corajoso</p>		

Quadro 5: Prefixos relacionais com verbos

Fonte: Dados gerados em pesquisa de campo (2013).

v. TERMO GENÉRICO E TERMOS ESPECÍFICOS.	
TERMO GENÉRICO kruwa flecha	<p>TERMOS ESPECÍFICOS</p> <p>(20) himpei ‘flecha com osso’ <i>lit.</i> osso bom</p> <p>hi mpej osso bom</p> <p>(21) krākupu ‘tipo de flecha que possui a ponta amarrada’</p> <p>krā kupu cabeça embrulhada</p> <p>(22) télxà ‘flecha para brincar’</p> <p>(23) watu ‘flecha sem osso’</p>

Quadro 6: A ocorrência de termo genérico e termos específicos no campo semântico do jogo de flecha

Fonte: Dados gerados em pesquisa de campo (2013).

Além dos principais aspectos morfológicos apresentados acima, destaca-se também a presença de alguns nomes compostos recorrentes, como os formados pelos nomes no quadro abaixo:

krowa 'tora'	
Krowajitepkaté	(24) krowajitepkaté 'cortador de tora' krowa j-itep katé tora Rel- cortar corajoso
Krowapejre	(25) krowapejre 'tora principal' krowa (m)pej re tora boa pequena
kuwé 'arco'	
Kuwéti	(26) kuwé ti 'arco grande' arco grande
Kuwère	(27) kuwé re 'arco pequeno' arco pequeno
kuwé xexé xé	(28) kuwé xé 'corda do arco' arco fio
ték 'jogar'⁸	
ték ¹	(29) ték 'jogador'
ték ²	(30) ték 'jogar'
Tékpejkaté	(31) tékpejkaté 'bom jogador' ték (m)pej katé jogar bom corajoso
Téxxà	(32) téxxà 'flecha para brincar' ték xà brincar

Quadro 7: Nomes compostos

Fonte: Dados gerados em pesquisa de campo (2013).

⁸ A palavra *ték* dentro do contexto do jogo de flecha pode ser jogar, brincar e jogador, mas em outros contextos ela apresenta outros significados que ainda precisam ser investigados.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do vocabulário das atividades da corrida de tora e do jogo de flecha Parkatêjê trata de uma primeira abordagem dessa terminologia, a qual apresentou os aspectos linguísticos principais: i) em relação às expressões de posse, verificaram-se ocorrências de nomes alienavelmente possuídos e inalienavelmente possuídos, de modo que nessas subclasses de posse estão presentes, respectivamente, objetos da cultura material e partes de um todo; ii) na subclasse dos nomes não-possuíveis, não foram encontrados registros, pois nessa categoria de nomes encontram-se elementos ligados a nomes de pessoas, nomes de planta e fenômenos da natureza em geral; iii) os vocábulos das atividades tradicionais do Parkatêjê apresentam formação de palavras por composição e derivação, de acordo com as teses de Araújo (1989) e Ferreira (2005); iv) a ocorrência de prefixos relacionais das classes A e B em verbos transitivos como cortar, fazer e ultrapassar; v) constatou-se também a presença de termos genéricos e de termos específicos no subcampo de instrumentos e peças, mais particularmente ao termo kruwa 'flecha', o qual não ocorre nas formações de palavras referentes aos tipos de flecha utilizados no jogo.

De acordo com Pimentel da Silva (2009), o processo de documentar uma língua é apenas um passo com o objetivo de contribuir para manter o patrimônio linguístico de uma determinada comunidade falante. Isto quer dizer que o registro documental é um passo dentro de um extenso caminho em que se configura a revitalização de uma língua natural ameaçada.

Acreditamos que esse estudo poderá interessar, não somente aos alunos do curso de Letras e estudantes de línguas indígenas e antropologia, como também para os maiores interessados na revitalização da língua: o povo Parkatêjê, o qual poderá se utilizar ou beneficiar dos estudos desta pesquisa para fortalecer sua memória cultural entre as gerações mais novas.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, C. M. de S. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15., n. 5, t. 2, 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: 2011. p. 1332 - 1343.
- ARAÚJO, L. *Aspectos da língua Gavião-Jê*. 1989. 183f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. Petrópolis: In: OLIVEIRA, A. M.P. P.; ISQUERDOV, A. N. (Org.). *As ciências do léxico - lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p.13-22.
- BIDERMAN, M.T.C. O dicionário como norma na sociedade. In: ENCONTRO DO ANPOLL, 1.,1995, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: s.l., 1998. p.161-180
- COSERIU, E. Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 1., 1990, João Pessoa. *Anais...*João Pessoa: S.l., 1990. p. 28- 49.
- COSERIU, E. *Princípios de semântica estrutural*. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

- FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FERREIRA, M. de N. de O. *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê*. 2003. 276f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos em Linguagem, Universidade do Estado de Campinas, Campinas, 2003.
- GECKELER, H. *Semántica estructural y teoria do campo léxico*. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1976.
- HICKERSON, N. P. *Linguistic anthropology*. Texas: Basic Anthropology Units, 1980.
- JÓPAIPAIRE, T. K. *Mê ikwỳ tekjê ri: Isto pertence ao meu povo*. Marabá: Gknoronha, 2011.
- KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MATTOSO CAMARA, J. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.
- MELLATI, J. C. *Corrida de toras*. *Revista de Atualidade Indígena*, Brasília, ano 1, n. 1, p.38-45, 1976.
- PIMENTEL DA SILVA, M. S. *Reflexões sobre línguas indígenas ameaçadas*. Goiânia: Editora da UCG, 2009.
- RODRIGUES, A. Macro-jê. In: _____. *Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p.167.
- VELARDE, M. C. *Lenguaje y cultura: la etnolingüística*. Madrid: Editorial, Sintesis, 1991.

Recebido em 24/10/2016. Aceito em 16/01/2017.